



## EDITORIAL

# O desafio da divulgação científica no Brasil

*The challenge of scientific divulgation in Brazil*

**Maria Cecília de Souza Minayo**

Pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz  
Coordenadora Científica do Centro Latino Americano de Estudos sobre Violência e Saúde  
Editora chefe da Revista Ciência & Saúde Coletiva  
[cecilia@claves.fiocruz.br](mailto:cecilia@claves.fiocruz.br)

*Meditai se só as nações fortes podem fazer ciência  
Ou se é a ciência que as faz fortes  
(Oswaldo Cruz)*

Muito me honra escrever este editorial da Revista "Saúde & Transformação Social/Health & Social Change" editada pelo Departamento de Saúde Pública da UFSC. E para honrar a tarefa que me foi dada, considero que nada mais apropriado do que tecer alguns comentários sobre o estado atual da discussão sobre os periódicos científicos brasileiros.

Acabo de chegar da VI Workshop de Editoração Científica e do II Seminário Satélite para Editores Plenos realizada de 28/11 a 2/12/2010 em Águas de São Pedro (SP) que teve como foco a *valorização e a qualificação dos editores e dos periódicos brasileiros*. Na verdade esse foi o tom de todo o seminário no qual se reuniram revistas que já são indexadas na base lilacs, scielo, scopus, isi/thomson e medline (este último para os do setor saúde) e as que estão ainda em processo de consolidação e cujos problemas são em parte semelhantes aos do primeiro grupo e em parte peculiares. Éramos mais de 300 editores científicos e todos nós tínhamos muitas preocupações a compartilhar, pois se a célebre frase "*publicar ou perecer*" continuou a soar como mantra sobre nossas

cabeças, no aprofundamento da pauta que nos reunia, todos sabiam que a questão não é mais publicar apenas. É sim e principalmente, aprofundar a qualidade do que divulgamos para que os resultados de nossas pesquisas possam ser apreciados e comparados internacionalmente. O representante do CNPQ no evento nos lembrava que, com a exposição maior do Brasil aos fóruns internacionais, com certeza interessará cada vez mais ao mundo saber tanto sobre nossas riquezas naturais como sobre nossos investimentos em ciência e tecnologia e ainda, como avançar socialmente na democracia e no império dos direitos individuais e coletivos.

Nesse seminário foi lembrado ainda que hoje o Brasil ocupa o 13º lugar no ranking mundial em publicação de artigos científicos, o que corresponde a 2.5% de toda a produção mundial o que, aparentemente parece pouco, mas corresponde a um crescimento anual constante de 10% nos últimos 10 anos, crescimento esse, mais significativo do que o de qualquer outro país, cujos dados são comparados. O tom que poderia ter soado seria o de celebração das conquistas inegáveis. No

entanto, a mensagem dominante foi a de que tudo o que fizemos ainda é pouco e insuficiente para o que o Brasil possa se apresentar com destaque no cenário internacional da ciência & tecnologia & inovação. A conclusão é de que existe muito espaço para valorizar e qualificar nossa produção.

Nesse clima exigente quanto ao crescimento, à melhoria e à valorização dos periódicos científicos, todos estávamos preocupados também com os fatores de impacto que medem nossa produção ou com a classificação de nossos periódicos na Base Qualis/CAPES – fatores esses que interferem profundamente no campo da divulgação científica, uma vez que existe um círculo virtuoso – embora não linear - entre a produção científica de qualidade e a divulgação científica em periódicos de elevado impacto.

Deixando esse lado mais político e técnico atinente aos periódicos brasileiros e aos periódicos brasileiros já internacionalizados, gostaria de refletir sobre o que pode atuar a favor do incremento da divulgação científica de qualidade, dizendo que muito do que precisa ser feito depende de nós. Mas, quem é esse “nós” que tem nas mãos a chave do avanço e da internacionalização da divulgação científica e tecnológica brasileira? Eu diria que nessa história, pelo menos três atores são de fundamental importância.

(1) Começamos, sem hierarquizar, pelo lado individual e grupal. Precisamos propor e fazer pesquisas que tenham significância para nossa realidade local e nacional, sabendo que essas duas dimensões se completam e interagem. Só investigações de adequado sentido e de elevado padrão podem conduzir à publicação científica de interesse nacional e internacional. E, mesmo sendo óbvio, é importante dizer que nenhuma produção intelectual deve parar no relatório de investigação. O relatório é o celeiro onde se depositam as descobertas e os achados. No entanto, esse celeiro não pode ficar fechado. Ele precisa ser aberto e comunicado em artigos, livros, seminários, apresentação em congressos, elaboração de manuais técnicos,

desenvolvimento de metodologias ou de tecnologias a serem patenteadas, dentre outros. É essa última etapa da comunicação que inclui a pesquisa e o pesquisador na cena e no debate nacional e internacional. Divulgar os resultados de sua atividade é, pois, a forma universal que um pesquisador ou um grupo de pesquisa possui de inserir-se na Comunidade Científica que, em princípio não tem fronteiras.

Divulgar é comunicar. Existe hoje um consenso da área acadêmica e da própria sociedade sobre a necessidade de compartilhar a ciência que é construída nos laboratórios e grupos de pesquisa, chegando-se a uma conclusão radical de que a ciência não comunicada inexistente: ninguém pode adivinhar o que se passa na sala de trabalho de um pesquisador ou de um grupo, quando sua atividade não se transforma em disseminação, por meio de algum tipo de formato consagrado internacionalmente. Há um estudioso desse campo que inverte a tese cartesiana segundo a qual *“penso, logo existo”* para comentar que no mundo científico: *“existo porque sou pensado e não porque penso”*.

(2) O segundo aspecto é o ambiente institucional. À instituição cabe dar espaço, tempo e ambiente para a investigação e a produção acadêmica. Eu diria que esse segundo ator é fortemente responsável por propor, projetar, propiciar e dar condições ao desenvolvimento científico e tecnológico em seu âmbito. Mas também pode atuar, e frequentemente costuma fazê-lo, como responsável pela miopia com que é olhado e valorizado o papel do investigador em sua Universidade ou Centro de Pesquisa. Como as instituições são estruturadas, organizadas e geridas por pessoas, cabe aos gestores colocar a investigação científica no topo do trabalho universitário e a divulgação científica como uma meta de fundamental importância para o desenvolvimento institucional. Digo isso porque uma das grandes queixas que tenho ouvido ao visitar diversas instituições universitárias do país é que existe um acúmulo de tarefas acadêmicas na área de ensino que assoberbam e tomam todo o tempo dos professores, sobrando-lhes,

geralmente, os momentos de descanso e de vida privada para aprofundar suas pesquisas e escrever seus artigos. E mais: em algumas universidades onde há cursos de Mestrado e Doutorado, para os quais a exigência de ter grupos de pesquisa e de apresentar produção científica é condição de existência, costuma haver um ambiente quase de “ciúme” dos professores que não estão incluídos nos cursos de Pós Graduação *stricto sensu* em relação aos docentes que aí atuam, considerando as atividades de investigação um luxo e um privilégio. Ora, essa mentalidade promove o atraso científico e tecnológico, contamina profundamente o sentido da universidade como produtora de saber e privilegia a prática do ensino livreco e repetitivo.

**(3)** Por fim, o terceiro ator é o Estado que traça as diretrizes e financia a construção do conhecimento estratégico para o desenvolvimento do país. Hoje muito menos de 2% do PIB brasileiro é investido em Ciência e Tecnologia. E sem investimento maciço dos governos, nenhum país do mundo foi capaz de crescer significativamente nessa área. Tratando aqui especificamente da divulgação científica é irrisório o que o país destina para as revistas e os periódicos nacionais. A CAPES gasta um montante substancial para dar acesso aos pesquisadores brasileiros às melhores revistas do mundo através do Portal CAPES - o que sob qualquer aspecto é um luxo intelectual - mas o montante que dedica ao desenvolvimento e à manutenção das principais revistas nacionais é ínfimo. O mesmo nós podemos dizer do CNPq que junto com a CAPES que investem por ano cerca de 10 milhões de reais em 240 revistas sendo que no edital de 2010 houve um acréscimo de dois milhões. A quantia destinada representa 0,4% dos orçamentos das duas instituições. Para efeitos comparativos, os Estados Unidos gastam 200 vezes mais com suas revistas científicas, de acordo com o pesquisador Rogério Meneghini, tendo em vista que uma de suas estratégias para manter sua hegemonia é mostrar a pujança e a força do conhecimento gerado por seus cientistas. Ou seja, na última década o montante

que os órgãos de fomento brasileiro dedicaram aos periódicos foi irrisório, a despeito do aumento de pesquisadores e de revistas. Portanto, o crescimento significativo do número de artigos científicos publicados em bases internacionais - que entre 2007 e 2008 foi de 80% - se deve menos à política de fomento à pesquisa em nível federal e mais à quantidade de períodos que foram aceitos na base ISI/Thomson que quadruplicou em dois anos, numa política dessa empresa de expandir o universo das revistas em sua coleção, do ponto de vista regional e temático. Meneghini comenta que a única iniciativa brasileira para melhorar a divulgação dos periódicos, além da dedicação dos editores, é o programa SciELO ([www.scielo.br](http://www.scielo.br)), parceria entre a Fapesp (Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e a Bireme (Biblioteca Virtual em Saúde). A base SciELO indexa hoje mais de 200 melhores revistas nacionais selecionadas por critérios de qualidade e disponibiliza os artigos em textos completos para acesso aberto.

Termino este editorial lembrando ao grupo que está dando luz a este novo periódico que é preciso muito investimento nos três níveis que citei, para se ter uma boa revista. A história dos periódicos científicos brasileiros mostra uma elevada “mortalidade infantil”. Portanto, o investir e planejar a longo prazo é preciso. E a dedicação necessita ser diária e constante, envolver estratégias de convencimento institucional e garantir financiamento permanente. Mas, tudo começa com a pesquisa de relevância local, nacional e internacional. Longa vida à Revista "Saúde & Transformação Social/Health & Social Change!